

O ATO NO ESPELHO DE MACHADO DE ASSIS

THE ACT IN THE MIRROR BY MACHADO DE ASSIS

Rodrigo Molon de Sousa

RESUMO: O presente trabalho propõe uma leitura do conto “O Espelho”, de Machado de Assis, a partir das relações entre literatura e psicanálise, para tanto tomamos como referencial o universo literário machadiano, constituído por vários temas que refletem a condição da natureza humana. Neste conto, o escritor toma o espelho, um objeto que obedece às leis da física para sintetizar a questão mais essencial do sujeito, não objetivando apenas sua aparência, visa também a essência do ser, escondida por detrás da imagem produzida pelo espelho.

PALAVRAS-CHAVES: Machado de Assis; Constituição do sujeito; Literatura e Psicanálise.

ABSTRACT: The present essay proposes a reading of the short story “The Mirror”, by Machado de Assis, from the relations between literature and psychoanalysis, for that we take as a reference to the literary universe of Machado de Assis, consisting of several themes that reflect the human-nature. In this short story, the author takes the mirror, an object that obeys the laws of the physics to synthesize the most essential question of the subject, not only aiming at his appearance, but also the essence of the human being, hidden behind the image reflected by the mirror.

KEYWORD: Machado de Assis; Constitution of the subject; Literature and Psychoanalysis.

Jacques Lacan, no texto de abertura dos *Escritos*, diz que “o estilo é próprio do homem”. Lacan nos anuncia isso para apresentar o primeiro texto de sua coletânea: *O seminário sobre a Carta Roubada*. Ao nos depararmos com este, percebemos que Lacan toma o texto literário de Edgar Allan Poe para iniciar um percurso que perpassa quase toda sua obra, o conceito de letra, para diferenciá-lo de significante.

Vemos assim, que Lacan utiliza-se da literatura como uma carta de transmissão da clínica, já que, o conto Poe vem para “ilustrar a verdade que brota do momento do pensamento freudiano que estamos estudando, ou seja, que é a ordem simbólica que é constituinte para o sujeito, demonstrando-lhes numa história a determinação fundamental que o sujeito recebe do percurso de um significante”, e completa: “é essa verdade, podemos notar, que possibilita a própria existência da ficção” (LACAN, 1998b, p. 14).

A literatura é tomada por Lacan como um saber constitutivo da psicanálise, sendo assim, a obra literária é entendida como efeito de uma estrutura, de uma estrutura inconsciente em ato. Dessa forma, Machado de Assis coloca os seus “investigadores das questões metafísicas” envolvidos nos “problemas mais árduos do universo”, a saber, a questão da natureza humana.

Marta Cavalcanti Barros, no artigo *O espelho: entre o si mesmo e um outro*, nos adverte, que o conto:

“O espelho” tem como tema central a questão da identidade, ou melhor, o problema da divisão do eu ou do desdobramento da personalidade. O conto trata de um momento da vida de Jacobina, narrador e protagonista da história, que passa por um processo de (re)estruturação e que, inusitadamente, confronta-se com o Outro que lhe habita, ou seja, com o seu próprio desejo. (BARROS, 2004, p. 63)

Com base nessa afirmação, podemos perceber que a autora nos remete às questões referentes à identidade, à posição do sujeito frente ao mundo e a si mesmo, tornando-se parte da história da humanidade. Dessa forma, podemos considerar que a divisão do sujeito é referida por Freud e por Lacan no próprio conceito de inconsciente, que carrega uma marca dessa divisão estrutural e da constante alienação do sujeito sobre o que ele desconhece.

Lacan, em *A função e campo da fala e da linguagem*, afirma que o inconsciente é “um capítulo de minha história que é marcado por um branco ocupado por uma mentira: é um capítulo censurado” (LACAN, 1998e, p. 260), ou seja, tal conceito é apresentado como um capítulo censurado, aquele que falta no livro, onde pode estar a história do sujeito, ou ainda, “o inconsciente é a parte do discurso concreto, como transindividual, que falta à disposição do sujeito para restabelecer a continuidade de seu discurso consciente” (LACAN, 1998e, p. 260).

Na segunda tópica freudiana, vemos a divisão do sujeito, como um ideal buscado pelo processo de análise: a conquista de territórios do *isso* pelo *eu*, transformando o inconsciente em consciente. A divisão como algo constituinte do sujeito, pode ser vista em Lacan, já que o sujeito é dividido pelo significante, pela linguagem, a barra marca a alienação constitutiva desse sujeito que oscila entre a forma especular imaginariamente plena e seu discurso entrecortado: “na relação do *eu* do sujeito com o [eu] do seu discurso que vocês precisam compreender o sentido do discurso, para desalienar o sujeito” (LACAN, 1998e, p. 305).

Jacobina inicia a sua narrativa enunciando a sua tese: “em primeiro lugar, não há uma só alma, há duas” (ASSIS, 1997, p. 346). Há uma alma interior e uma alma exterior, “uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro” (ASSIS, 1997, p. 346). A alma exterior está sendo entendida como “um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação”, já que ela nem sempre é a mesma,

ela se atualiza e acaba mudando de estado. Assim tal alma é caracterizada por Machado de Assis como esse desconhecimento que leva a alienação do sujeito.

A história de Jacobina inicia-se quando ele tinha vinte e cinco anos, pobre e acabava de ser nomeado alferes da guarda nacional:

Não imaginam o acontecimento que isto foi em nossa casa. Minha mãe ficou tão orgulhosa! tão contente! Chamava-me o seu alferes. Primos e tios, foi tudo uma alegria sincera e pura. Na vila, note-se bem, houve alguns despeitados; choro e ranger de dentes, como na Escritura; e o motivo não foi outro senão que o posto tinha muitos candidatos e que estes perderam. Suponho também que uma parte do desgosto foi inteiramente gratuita: nasceu da simples distinção. Lembra-me de alguns rapazes, que davam comigo, e passaram a olharme de revés, durante algum tempo. Em compensação, tive muitas pessoas que ficaram satisfeitas com a nomeação; e a prova é que todo o fardamento me foi dado por amigos... Vai então uma das minhas tias, D. Marcolina, viúva do Capitão Peçanha, que morava a muitas léguas da vila, num sítio escuso e solitário, desejou ver-me, e pediu que fosse ter com ela e levasse a farda. (ASSIS, 1997, p. 347)

Essa longa citação nos revela uma situação vivida pelo personagem: a nomeação alferes da guarda nacional representava o primeiro degrau em sua ascensão social. Este tema em Machado de Assis sempre foi alvo de inúmeros estudos, no entanto, sobre este assunto recorreremos à dissertação de mestrado *A assunção do papel social em Machado de Assis: uma leitura do Memorial de Aires*, de Cilene Margarete Pereira, no qual a pesquisadora a partir do conto em que é teorizado sobre a existência de duas almas e, do entendimento da alma exterior como a natureza social do indivíduo, para a leitura de *Memorial de Aires*, com o intuito de observar a incorporação que o Conselheiro Aires faz de seu papel social de diplomata, para criar uma narrativa diplomática, e apresenta várias conseqüências na configuração das demais personagens. A pesquisadora nos diz:

Ser pobre e ser nomeado alferes, no Brasil de Machado de Assis, tinha um sentido especial. Nem escravo, nem proprietário abonado, lugares dotados de códigos inequívocos, ou ao menos explicito, o pobre ocupa um lugar enviesado na ordem social. Uma vez que a presença do trabalho escravo desqualifica o trabalho livre, o pobre, incapaz de prover a própria subsistência, terminava por tornar-se dependente dos favores dos elementos das classes dominantes, ao sabor de seus caprichos. A nomeação do alferes da guarda nacional corresponde ao escape deste destino funesto. (PEREIRA, 2004, p. 45)

E nos lembra, que a guarda nacional é uma instituição de prestígio, e ao conferir à nomeação de alferes à Jacobina, acaba conferindo-lhe uma máscara do governo

imperial para alimentar os seus interesses “reais”, sendo assim, a nomeação de alferes serve como uma capa para a “alma exterior”. Percebemos com isso no conto, que a bajulação causa em Jacobina uma perda, a personagem perde o seu referencial como indivíduo, pois sua identidade é restringida a “alferes”.

Em *O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica*, Lacan fala que:

O estádio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica – e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental. (LACAN, 1998d, p. 100)

Dessa forma o sujeito passa por uma completude imaginária, tratada a partir das metáforas do homem, pois o ser humano necessita da presença de um Outro que o nomeie e que possibilite os contornos do seu ser. Sendo assim, vemos aí um problema com relação à identificação, que pode ser entendida como um dos elos sociais mais significativos por propiciar o convívio humano e a organização das instituições. Vale ressaltar que a identificação pode devastar a individualidade e a subjetividade do sujeito, a “alma interior”.

O conflito entre a alma interior e a exterior, entre o ser e as insígnias do ser, é colocado por Machado de Assis em termos do conflito entre o “alferes” e o “homem”. No conto há uma oscilação entre os eixos do imaginário e do simbólico:

- O alferes eliminou o homem. Durante alguns dias as duas naturezas equilibram-se; mas não tardou que a primitiva cedesse à outra; ficou-me uma parte mínima de humanidade. Aconteceu então que a alma exterior, que era dantes o sol, o ar, o campo, os olhos das moças, mudou de natureza, e passou a ser a cortesia e os rapapés da casa, tudo o que me falava do posto, nada do que me falava do homem. (ASSIS, 1997, p. 348)

O narrador acaba mostrando ainda que no passar de algumas semanas, que Jacobina estava totalmente mudado, e fisgado pela imagem sedutora e narcísica do belo e distinto alferes, agora preso no espelho, numa “obra rica e magnífica” em uma casa onde a mobília era muito simples, como nos diz Jacobina. Dessa forma a personagem

acaba nos descrevendo um pouco este objeto que havia sido comprado de uma das fidalgas vindas para o Brasil em 1808, juntamente com a corte de D. João VI: “estava naturalmente muito velho; mas via-se-lhe ainda o ouro, comido em parte pelo tempo, uns delfins esculpidos nos ângulos superiores da moldura, uns enfeites de madrepérola e outros caprichos do artista” (ASSIS, 1997, p. 348).

Escravo da própria imagem ilusoriamente construída, a personagem passou a ser nada mais do que uma imagem. Uma imagem atraente, uma armadilha, um resto, já que segundo Lacan “o que faz agüentar-se a imagem, é um resto” (LACAN, 1985, p. 14). Lacan quando trabalha a questão da identificação e do narcisismo, fala que o eu seria uma imagem fígada pelo outro imaginário, uma imagem narcísica presa ao espelho. Assim, “compreender o estádio do espelho *como uma identificação*, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito que ele assume uma imagem” (LACAN, 1998d, p. 97).

O aparecimento do espelho no conto é bem marcado, como mostramos a pouco, pelo fato de ser o objeto mais importante da casa de D. Marcolina, por ele reproduzir a imagem do novo Jacobina, o alferes.

A função do espelho é explicitada no conto, a partir do momento em que a tia de Jacobina, D. Marcolina, precisa passar alguns dias em um sítio vizinho, pois “uma de suas filhas, casada com um lavrador residente dali a cinco léguas, estava mal e à morte” (ASSIS, 1997, p. 348), ao partir, D. Marcolina, diz: “Adeus, sobrinho! Adeus, alferes!” (ASSIS, 1997, p. 348).

A partir deste adeus, o cenário passa por uma transformação, e o senhor alferes acaba ficando só e abandonado. Neste momento a personagem sai em busca de uma “alma viva”, para ter no testemunho alheio a certeza de estar vivo: “O alferes continuava a dominar em mim, embora a vida fosse menos intensa, e a consciência mais débil” (ASSIS, 1997, p. 348). Sem a confirmação do Outro de sua identidade e de sua existência, Jacobina é levado aos limites da ausência, da não-vida. Só lhe restava uma coisa: sonhar.

Dormindo, era outra cousa. O sono dava-me alívio, não pela razão comum de ser irmão da morte, mas por outra. Acho que posso explicar assim esse fenômeno: - o sono, eliminando a necessidade de uma alma exterior, deixava atuar a alma interior. Nos sonhos, fardava-me, orgulhosamente, no meio da família e dos amigos, que me elogiavam o garbo, que me chamavam alferes; vinha um amigo de nossa casa, e prometia-me o posto de tenente, outro o de capitão ou major; e tudo

isso fazia-me viver. Mas quando acordava, dia claro, esvaía-se com o sono, a consciência do meu ser novo e único, - porque a alma interior perdia a ação exclusiva, e ficava dependente da outra, que teimava em não tornar... Não tornava. Eu saía fora, a um lado e outro, a ver se descobria algum sinal de regresso. (ASSIS, 1997, p. 350)

Machado de Assis nos mostra que o sonho surge no conto para trazer o *status* almejado, já que para a psicanálise os sonhos são as realizações de desejos, tal como nos é proposto por Freud, em “*A interpretação dos sonhos*”. Então ocorre o fenômeno do espelho: o quase morto, no limite da perda de sua identidade, tenta se ver no espelho e não consegue. Não há o que ser visto: “Olhei e recuei. O próprio vidro parecia conjurado com o resto do universo; não me estampou a figura nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra da sombra” (ASSIS, 1997, p. 350). Assim, “ao não reconhecer mais a sua imagem como Joãozinho, Jacobina só se reconhece como alferes. Ou seja, ao procurar a realidade de si, Jacobina só reconhece a imagem criada pelos outros. A imagem que existia antes perde-se, aliena-se em favor da que surge, repleta de satisfações narcísicas” (BARROS, 2004, p. 68).

Tomado pelo medo, Jacobina começou a fugir dessa não-imagem, começou a vestir esse corpo, que passara a ser quase nada, sombra da sombra, com o uniforme de alferes, para assumir a sua identidade de alferes. Ao fazer isso, se vestiu com a sua alma exterior, única e soberana, a partir deste momento: “era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior. Essa alma ausente com a dona do sítio, dispersa e fugida com os escravos, ei-la recolhida no espelho” (ASSIS, 1997, p. 352).

Podemos pensar que a transformação produzida no sujeito quando assume uma imagem, no caso as “reviravoltas” do seu alferes, pela dialética da identificação, tal como é vista em Lacan:

A assunção jubilatória de sua imagem especular por esse ser ainda mergulhado na impotência motora e na dependência da amamentação que é o filhote do homem nesse estágio de *infans* parecer-nos-á pois manifestar, numa situação exemplar, a matriz simbólica em que o [eu] se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito. (LACAN, 1998d, p. 97)

Finalizando o percurso percorrido aqui, da difícil constituição do eu, conclui-se que o sujeito busca a sua própria verdade, ou seja, algo de si, mesmo que tal verdade esteja alienada, para desenhar os seus novos contornos. Lacan nos diz: “eu só vejo de

um ponto, mas em minha existência sou olhado de toda parte” (LACAN, 1998^a, p. 73), assim, “diante do espelho, Jacobina se consagra, como em um rito, ao regime da opinião num átimo que empenha o futuro do eu narrador” (BOSI, 2007, p. 102), já que a personagem toma o espelho como um lugar de privilégio, no entanto, eventualmente, esse objeto pode ser considerado como um lugar de desordem de sentidos do ser.

REFERÊNCIAS:

- ASSIS, M. “O Espelho”. In. *Obra Completa* (org. Afrânio Coutinho), Vol. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.
- BARROS, M. C. “O espelho: entre o si mesmo e um outro”. In. *Psychê: revista de psicanálise*, ano VIII, nº 13. São Paulo: Unimarco, janeiro-junho 2004.
- BOSI, A. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.
- COSTA, A. *A ficção do si mesmo: interpretação e ato em psicanálise*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1998.
- FREUD, S. “A interpretação dos sonhos”. In. *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2001.
- HARARI, R. *O que acontece no ato analítico? A experiência da psicanálise*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2001.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* [Tradução de M. D. Magno]. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998a.
- _____. *O Seminário, livro 20: Mais, ainda* [Tradução de M. D. Magno]. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.
- _____. “O seminário sobre A carta roubada”. In. *Escritos* [Tradução de Vera Ribeiro]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998b.
- _____. “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”. In. *Escritos* [Tradução de Vera Ribeiro]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998c.
- _____. “O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica”. In. *Escritos* [Tradução de Vera Ribeiro]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998d.
- _____. “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”. In. *Escritos* [Tradução de Vera Ribeiro]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998e.
- _____. “Lituraterra”. In. *Outros Escritos* [Tradução de Vera Ribeiro]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- MILNER, J. C. *Os nomes indistintos*. [Tradução de Procópio Abreu]. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2006.
- PEREIRA, C. M. *A assunção do papel social em Machado de Assis: uma leitura do Memorial de Aires*. Campinas: Unicamp, Dissertação de Mestrado, 2004.